

A Ciência e a Lógica Formal

(extracto da tese «Razão e História»)

A-pesar do extraordinário desenvolvimento crítico e construtivo de há dezenas de anos para cá, seria conveniente, parece-me, revêr a própria maneira de formular o problema da lógica, desembaraçando-nos de preocupações antiquadas e moldes inúteis. Exigência a um primeiro relance paradoxal ou supérflua, tenho-a por fulcro de todo o trabalho de reconstrução filosófica. Se desfibrarmos algumas doutrinas contemporâneas depararemos, obscuramente entrelaçadas com motivos recentes, inspirações arcaicas da cultura europeia. Lembremo-nos das disputas suscitadas pela teoria dos conjuntos, em que se defrontaram, e defrontam, pontos de vista medievais. Matemáticos competentíssimos, Hadamard entre outros, falam ainda da dedução como raciocínio que do geral conclui o particular. Não sem surpresa lêmos em Meyerson que os conceitos matemáticos são conceitos abstratos. Estes exemplos sôltos e ao acaso, aparecer-nos-ão mais tarde solidários e significativos de todo um mundo de idéas. Mas até em forma sistemática não se extinguiu a repercussão do mito realista. Já na primeira metade do século XIX um padre imbuído de prèjuizos escolásticos viera repetir que os enunciados matemáticos existem em si, mesmo que nunca tivessem sido pensados por nenhum sêr; e além de Bolzano, também Hermite acreditava com firmeza na

realidade objectiva dos entes matemáticos, afirmando que o cientista não faz mais do que descobri-los como o físico descobre novos corpos. No nosso século Husserl ressuscita a platónico-aristotélica intuição das essências.

Não podemos seguir as sinuosidades desta corrente doutrinária, e basta-nos de resto sublinhar que sejam quais forem as suas variações, no fundo possuem o postulado comum da substantivação da verdade, da sua existência em si e por si. As nossas idéas reproduzem as idéas absolutas, o que afinal significa que a verdade é anterior ao conhecimento, e dêle independente, ou seja, que a lógica se move num âmbito próprio não englobado pela psicologia e a esta heterogéneo. Nesta hipótese o raciocínio parte de princípios imutáveis, e entre as diversas noções, como entre os diversos enunciados, existe uma hierarquia necessária e irrevertível; a dedução suspende-se ao absoluto, a proposições primitivas reconhecidas tais pela sua evidência incontestada. O acôrdo de todos os homens resulta òbviamente de que os juízos lhes são oferecidos para serem assimilados, sem que tenham de os criar. A transcendência da «cousa» na ontologia ingénua do senso-comum corresponde a transcendência da verdade no realismo teológico.

A concepção da lógica transcendente

(CONCLUI NA PÁGINA 32)